

# «COMO O FÓSFORO (...), ELAS FAZEM GRANDE FIGURA NA ESCURIDÃO». KANT E O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES OBSCURAS NA CONSCIÊNCIA HUMANA

Fernando SILVA

## Resumo

Até então negligenciado e até negado pelos eruditos, o tópico das representações obscuras da alma humana recebe com Baumgarten, e ainda mais decisivamente com Kant, um deveras disruptivo, mas também mais digno tratamento, que afirma esse tópico no seu novo estatuto e papel e possibilita um mais profundo conhecimento da consciência humana. O objectivo do presente ensaio é, por conseguinte, observar os traços da exposição kantiana do tópico como problema da consciência humana; procurar discernir a aparente contradição que, segundo Kant, está encerrada nas representações obscuras e dificulta essa mesma colocação entre as inferiores e superiores faculdades do espírito, e, por fim, mostrar como o dilema é dissolvido pela natural poeticidade das representações obscuras, a qual não só expõe o problema como um não-problema, mas antes se alavanca nas suas benéficas potencialidades para redefinir a importância das representações obscuras e todo o estatuto do obscuro, do inconsciente e do irracional em geral.

**Palavras-chave:** Kant, representações obscuras, memória, imaginação, poesia.

“Like phosphorus (...) they make a grand figure in darkness”. Kant and the role of obscure representations in human consciousness

## Abstract

Until then a neglected and even negated topic by the scholars of preceding times, the topic of the obscure representations of the human soul is given by Baumgarten, and even more decisively by Kant, a rather disruptive yet also more dignified treatment, one which affirms the topic's new condition and role in a more profound cognition of human consciousness. The objective of the present essay is therefore to observe the traits of Kant's collocation of the topic as a problem of human consciousness; to attempt to discern the apparent contradiction which, according to Kant, is at the heart

of obscure representations and thus renders more difficult said collocation of the topic among the inferior powers of the spirit, and finally, to show how the previous dilemma is dissolved by the natural poeicity of obscure representations, which not only expounds the problem as a non-problem, but rather uses its beneficous potentialities to re-define the importance of obscure representations and the whole status of the obscure, the unconscious and the irrational in general.

**Keywords:** Kant, obscure representations, memory, imagination, poetry.

## 1. As representações obscuras, problema da consciência humana

Entre os muitos e, porém, muito negligenciados tópicos que Kant aborda nas suas Lições de Antropologia (1772-1789), e na sua *Antropologia num Enfoque Pragmático* (1798), um há que porventura se sobrepõe a todos os demais em tão indesejado epíteto: o tópico das *representações obscuras ou sensíveis*. A saber, o tópico das representações de que temos insuficientes características, e de que portanto *não temos consciência, mas que não obstante podemos vir a conhecer*: algo que Kant enuncia dizendo que “podemos estar mediatamente conscientes de ter uma representação, ainda que, ao mesmo tempo, dela não sejamos imediatamente conscientes” (AA 7: 135).<sup>1</sup>

A anterior citação, extraída da *Antropologia* de 1798, enuncia a própria questão das representações obscuras, a qual é em si uma de simples descrição, e introduz-nos na singular visão que Kant tem do tópico. O problema centra-se, antes de mais, num desfasamento até à altura pouco considerado, e ainda menos aceite enquanto tal, entre a teoria da consciência e a teoria do conhecimento. Segundo este, uma vez aceite a existência de representações obscuras da alma, *é possível que de uma representação não se tenha imediata consciência, e porém que esta venha a ser por dedução conhecida* – a saber, numa palavra, *que se possa não conhecer, ou não ter consciência propriamente dita de algo de que, no entanto, se tem uma certa espécie de consciência*; o que, convenhamos, parece contrariar por completo a lei que rege as representações claras e distintas humanas, onde consciência e conhecimento das representações sempre têm de andar de mão dada.<sup>2</sup> Pois isso – esse paradoxo –, diz Kant, está precisamente contido nas representações obscuras: elas são algo de que não somos *imediatamente conscientes*, de que não

<sup>1</sup> Com respeito às citações de autor, recorremos ao método (Abreviatura da obra, número de volume, número de página), sendo que a abreviatura correspondente se encontra discriminada na bibliografia. Todas as citações foram traduzidas do original alemão para língua portuguesa. A tradução das mesmas é da minha autoria e responsabilidade.

<sup>2</sup> Kant expõe o problema mediante a seguinte interrogação: “Ter representações e, porém, não estar consciente delas: aí parece residir uma contradição; pois como podemos nós saber que as temos, se delas não estamos conscientes?” (AA 7: 135).

temos *directo conhecimento*, mas de que temos mediato conhecimento, e mediata consciência – e de que portanto, dir-se-ia, *somos e não somos conscientes, somos e não somos conhecedores. A questão reside, pois, por um lado, em que espécie de consciência delas temos, e o que elas podem aportar à consciência humana; e, por outro, em que espécie de conhecimentos elas podem veicular, e dar à luz.* O que, convenhamos, parece indicar que, para Kant, as representações obscuras distinguem-se pela sua singular natureza. As representações obscuras, ao contrário das claras e das distintas, procedem de um outro ponto na teoria da consciência humana: a saber, elas não são produtos acabados, não são *ergon*, de que a consciência parte para aferir outras representações e objectos, e assim construir-se a si própria; bem pelo contrário, é antes delas, enquanto *energeia* da alma humana, que se tem de partir para aferir, e construir, a consciência humana; é antes nelas que se tem de observar o processo de constituição da consciência do Eu, e são antes elas a *tabula* em que vêm a inscrever-se as demais representações, e seu respectivo conhecimento. Pois, dir-se-ia, *as representações obscuras são como que um substrato do conhecimento, e ante-câmara da consciência humana;* e porque, “como o fósforo (...), que de dia quase não é notado, elas fazem grande figura na escuridão” (AA 25.1: 100), então delas se pode extrair valiosos ensinamentos sobre a geração, composição e intelectualização das representações em geral, e, por conseguinte, sobre o modo de representar em geral do homem.

Sobre este tópico do pensamento kantiano tão raramente abordado<sup>3</sup> se deterá o presente ensaio. Tendo em vista este desiderato, o nosso artigo propõe-se cumprir dois objectivos particulares, nomeadamente:

1) Em primeiro lugar, expor o estatuto por Kant atribuído às representações obscuras no seio do seu pensamento antro-po-filosófico. Isto, tentaremos fazê-lo sob a forma

<sup>3</sup> Até hoje, o tema das representações obscuras, em Kant ou em qualquer outro autor, é um tema que vem concitando pouco interesse, o que se reflecte nos escassos trabalhos dedicados ao tema. O maior problema, porém, é que mesmo de entre os poucos trabalhos que existem sobre este tema kantiano, menos ainda focam aquela que era a real pertinência do mesmo para Kant, a saber, o seu *carácter criador, produtivo – estético* –, preferindo antes deter-se em questões como a própria dicotomia consciente/inconsciente nas representações obscuras, ou o papel das representações obscuras em um determinado plano da filosofia de Kant (são disto exemplos: M. OBERHAUSEN, “*Dunkle Vorstellung en als Thema von Kants Anthropologie und A. G. Baumgartens Psychologie*”, in: *Aufklärung*, 14, 2002, S. 123-146; F. WUNDERLICH, *Kant und die Bewusstseinstheoriendes 18. Jahrhunderts*, Berlin/New York: de Gruyter, 2005; Y. LIANG, “Kant on Consciousness, Obscure Representations and Cognitive Availability”, in *Philosophical Forum*, vol. 48(4), 2017, pp. 345-368). Entre as excepções a esta regra, que tratam o tópico das representações obscuras não segundo a perspectiva da sua logicidade, mas segundo a perspectiva da sua *esteticidade* – excepções das quais o presente trabalho pretende fazer parte –, salientamos: C. LA ROCCA, “Das Schöne und der Schatten. Dunkle Vorstellungen und ästhetische Erfahrung zwischen Baumgarten und Kant”, in H. KLEMMER, H. RATERS, M. L. PAUEN (eds.), *Im Schatten des Schönen. Die Ästhetik des Hässlichen in historischen Ansätzen und aktuellen Debatten*, Publisher: Aisthesis-Verlag, 2006, pp.19-64; C. LA ROCCA, “L’intelletto oscuro. Inconscio e autocoscienza in Kant”, in C. LA ROCCA (ed.), *Leggere Kant. Dimensioni della filosofia critica*, Pisa: Edizioni ETS, 2007, pp. 63-116; F. M. SILVA, “Um «secreto procedimento da alma dos homens»: Kant sobre o problema das representações obscuras”, in *Con-textos Kantianos*, nº 5, Junho 2017, pp. 190-215; P. GIORDANETTI, R. POZZO, M. SGARBI (eds.), *Kant’s Philosophy of the Unconscious*, Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012.

do problema que essa mesma condição assume em Kant, a saber, *a dupla e simultânea condição preterizante e projectiva, fundadora e formadora das representações obscuras*, e as dificuldades criadas por este dilema (Secção II deste artigo).

2) Por fim, procurar pensar o anterior dilema das representações obscuras no seio da capacidade de imaginação humana [*Einbildung*] – na fase de clarificação das representações obscuras – e aí discernir, nestas representações e no seu curso através das diferentes faculdades do ânimo, a solução kantiana para o anterior problema. Esta passa por discernir nas representações obscuras um “secreto procedimento da alma dos homens” (AA 25.1: 482) – o da *infatigável actividade poética dessas representações* (Secção III deste artigo).

## 2. O problema da forma embrionária das representações obscuras da alma. A condição simultaneamente preterizante e projectiva do seu objecto

A alma humana, diz Kant, é constituída na sua maior parte por representações obscuras: “As representações obscuras constituem a maior parte das representações humanas” (AA 25.2: 867).<sup>4</sup> Ela, a alma humana, é pois como “um grande mapa no qual uma quantidade de locais não estão iluminados, e poucos estão iluminados” (id.). “O não-iluminado”, aduz Kant, “é o campo das representações obscuras; os poucos lugares iluminados constituem as representações claras, e entre as representações claras algumas sobressaem mediante a sua própria luz: estas são as representações distintas”. (ibid.) O homem, dir-se-ia, está pois *envolto em escuridão*: ou na *inconsciência* do esquecido, e do não-pensado, ou então na *ignorância* de ser ele mesmo e a sua capacidade imaginante [*Einbildungsfähigkeit*] eixos-volante de um complexo encadeamento temporal, ou então na aparente *irracionalidade* daquela e desta. Mas ponto assente é que o homem está envolto em escuridão; e tão superior é o número, e tão anterior a posição das representações obscuras – da inconsciência, da obscuridade – em relação às claras, que aquelas não podem deixar de conter, dir-se-ia, os mecanismos secretos, o véu sob o qual as claras vêm a *formar-se*. Pois a alma humana, diz Kant, “age em grande parte na obscuridade” (id.: 479), *ora relembrando, ora (re-)inventando representações*; e portanto,

<sup>4</sup> No âmbito do seu pensamento antropológico, Kant trata o problema das representações obscuras na *Antropologia em Enfoque Pragmático*, no Livro Primeiro, em secção intitulada “Das Representações que temos sem delas estarmos conscientes” (AA 7: 135-137). Kant trata também o problema nas *Lições de Antropologia*, a saber, nas lições “Das representações obscuras da alma” (“Von den duncklen Vorstellungen der Seele” (AA 25.1: 479-482)); “Das representações obscuras, das quais não se está consciente” (“Von den dunklen Vorstellungen, deren man sich nicht bewußt ist” (AA 25.2: 867-874)); “3tes Capitel. Von den Vorstellungen” (“3º Capítulo. Das representações” (AA 25.2: 1221-1224)); e “Das representações obscuras” (“Von den Dunkeln Vorstellungen” (AA 25.2: 1439-1441)); e nas Reflexões, em secção (AA 15.2: 64-66) com o mesmo título da *Antropologia* de 1798.

justamente nas representações obscuras tem de residir um tesouro oculto: “O maior tesouro da alma reside na obscuridade” (ibid.).

Tal concepção de representações obscuras, poder-se-ia afirmar, é *fortemente fracturante* em relação à história do tratamento do tópico, a qual se pautara ora pela total descon sideração, ora pela rigorosa negação do mesmo.<sup>5</sup> E se esta fractura não é ainda mais forte, é porque, pelo menos na sua origem, ela muito deve à concepção que de representações obscuras tinha Baumgarten, que não foi o primeiro a afirmar a existência das representações obscuras, mas foi certamente o primeiro a reconhecê-las, a elas e ao seu carácter estético, *nos seus papéis fundador e construtor da consciência humana*. Pois, para Baumgarten, como também para Kant, as representações obscuras desempenham na alma humana um importante papel *fundador* (FUNDUS ANIMAE (Met: 118)); e tanto assim é que, quando comparadas com as representações claras, elas não só não lhes são inferiores em importância,<sup>6</sup> como a sua análise é muito certamente deveras *reveladora* sobre o processo formador da mesma, e sobre o carácter imaginativo dessa formação. Pois são de facto as representações claras que separam entre si as diferentes cognições, e com isso moldam a topografia interna do mapa da alma humana, e alargam a consciência;<sup>7</sup> e são elas os faróis do pensamento no mapa do conhecimento humano, pois elas próprias, e o que a partir delas conhecemos, são o conhecimento humano. Mas, entre elas, são as representações obscuras a argamassa que liga, desliga e religa, e que *ulteriormente informa*, as representações que compõem o conhecimento humano, e é *mediante as representações obscuras que decorre, embora veladamente, o processo de formação e construção da consciência humana*. Por outro lado, são de facto as representações claras os elementos essenciais do conhecimento humano, e, portanto, os componentes visíveis da

<sup>5</sup> A história do tópico das representações obscuras, assim nos dizem as antropologias fisiológicas ou psicológicas, as psicologias antropológicas, os próprios manuais de filosofia do século XVII e parte do século XVIII, é uma de negligência e negação. A negligência pode ser explicada pela fácil e imediata conotação das representações obscuras com o desconhecido, o irracional e o inconsciente – numa palavra, com o obscuro –, que desde tempos imemoriais são o oposto da claridade a que o conhecimento humano tem de se elevar, e o daí resultante problema de algo que, não podendo ser objecto da nossa consciência, não pode ser conhecido – e, por conseguinte, não existe (Cf. Secção I deste artigo). O resultado disto, não é difícil adivinhar, foi ora o de uma tácita omissão do tópico, ora o de uma liminar negação do mesmo, como é o caso em Bonnet, Condillac ou Crusius. O tópico apenas começa a ser considerado enquanto tal – isto é, enquanto tópico real, efectivo, embora de índole negativa, da teoria da consciência humana – no diálogo que sobre ele é entabulado por John Locke e G. W. Leibniz, no início do século XVIII, e após muito e aceso debate sobre o mesmo (envolvendo Wolff, Rüdiger, Knutzen, ou Meier), só com os contributos de A. G. Baumgarten e Kant o tópico viria a ser elevado a uma condição positiva, produtiva, tanto no seio do estudo da capacidade de representação humana como no da teoria da consciência humana.

<sup>6</sup> Baumgarten e Kant não divergiam certamente quanto à oculta, mas certa importância das representações obscuras, como aliás se verá no resto deste artigo; apenas quanto ao número das mesmas em relação às claras. Pois, segundo Baumgarten, na sua *Metafísica*, “(...) complexus clararum CAMPUS CLARITATIS (lucis) est, *comprehendens CAMPOS CONFUSIONIS, DISTINCTIONIS ADAEQUATIONIS, etc.*” (it. meus (Met: 119); mas, segundo Kant, como vimos, “As representações obscuras constituem a maior parte das representações humanas” (AA 25.2: 867).

<sup>7</sup> Cf. *Lições de Antropologia* de Kant: “é a claridade que separa as representações umas das outras, e torna maior a consciência” (AA 25.2: 869).

consciência humana. Mas, ao subjazerem a estas as representações obscuras, e não o inverso, isso significa que *as representações obscuras estão na origem, fundam aquilo que é todo o conhecimento humano, e toda a consciência humana*; isto é, diria Kant, as representações claras são por certo juízos do saber humano, mas as representações obscuras são “fonte” (AA 25.2: 869) *do julgar em geral*,<sup>8</sup> e portanto, a ante-câmara de tantos dos nossos pensamentos, das nossas opiniões e crenças, em suma, das nossas acções e omissões em vida – e daí, pois, a sua inegável importância, e o seu mais que legítimo lugar enquanto tópico de uma antropologia pragmaticamente considerada.

Acontece, porém, que o *carácter fundador e formador* das representações obscuras acima aflorado encerra para Kant um complexo problema, do qual a consciência humana, e o secreto procedimento da sua formação, não se podem eximir – e isso, *justamente mediante a justaposição dessas principais funções, ainda agora expostas, justaposição que parece dar azo a um duplo carácter e a uma contrária concepção das representações obscuras*. Passamos a descrever este problema.

Assim, vistas por *um destes prismas – o do seu carácter fundador* – as representações obscuras estão na origem das claras; elas formam as representações claras que o Eu tem de si e do mundo e trazem à claridade o que outrora estava esquecido, ou meramente inactivo. Não por acaso, aliás, Kant identifica o campo das representações obscuras como um campo onde todas as anteriores assumpções são também uma realidade: o da *memória humana* (cf. AA 25.2: 1221; 1273). Pois, segundo Kant, *o campo das representações obscuras e o da memória são um e o mesmo*, do qual nunca algo se perde (cf. AA 25.1: 92; 311, 480): um campo infinitamente extenso, e que consiste num inabarcável mapa de representações da alma humana, a maioria das quais soterrada sob o olvido, e uma minoria, brilhante, emergindo sobre as demais, e onde, por conseguinte – tal como nas representações obscuras –, a rememoração não é de todo aleatória, mas obedece às leis da faculdade de representar humana. Pois, explica Kant, “Quando recordamos uma coisa, extraímos a representação obscura na coisa, e tornamo-la clara” (AA 25.2: 1221); e portanto, reitera o filósofo, ao se tornar clara uma representação obscura, está-se a recordar essa representação “na medida em que se sente que esta é a mesma [representação] de que previamente, embora indistintamente, se tomou consciência” (id.: 1222).

Assim, diria Kant, *no acto de reactivar uma representação obscura está intimamente implícito o acto de rememorar*, enquanto o acto de requalificar ou renovar uma representação que o espírito já teve – aliás, teve de ter! –,<sup>9</sup> mas que, por uma ou outra razão,

<sup>8</sup> “Às representações obscuras pertencem também os juízos prévios. Antes de proferir um juízo que é determinado, o homem profere já na obscuridade um juízo prévio. Este guia-o a procurar por algo. (...) Por conseguinte, qualquer juízo determinado tem um juízo prévio. Por isso é muito importante, o estudo do ânimo com respeito ao secreto procedimento da alma dos homens.” (AA 25.1: 481)

<sup>9</sup> A memória, diz a este respeito Kant, é “a faculdade para recuperar representações tidas em consciência, e ela é um reconhecimento das nossas representações” (AA 25.2: 974).

embora não a perdesse, esqueceu; e portanto, o que isto significa é que, para Kant, *as representações obscuras estão no passado das representações claras*: elas são antes de mais memórias ora *primevas*, ora *recentes* de coisas, experiências, ocorrências, que são trazidas à clareza por serem fundadoras do pensar e do julgar humanos. Exemplo do primeiro, diz Kant, é o injustificado “horror perante a morte” (AA 25.2: 870). Exemplo do segundo, diz ainda o filósofo, é o de um músico “que fantasia, e que tem de aplicar a sua reflexão a cada dedo que usa, ao tocar a música, àquilo que quer tocar, e ao que de novo ele quer produzir” (AA 25.1: 479); pois, “se não o fizesse”, aduz Kant, “ele tão-pouco poderia tocar, mas disto não está ele consciente” (id.), sendo pois “de admirar a concisão da alma, pois que ela se faz reflectir” – mediante representações obscuras – “em todos os dedos, naquilo que é tocado, e também no que se quer tocar no momento. Tudo isto ocorre em representações obscuras” (ibid.).

Contudo, vistas as representações obscuras *por outro prisma – o do seu carácter formador* –, algo diferente é por Kant sugerido; e isso porque aqui, Kant reitera de facto que as representações obscuras estão na origem das representações claras – mas agora, não só porque as representações claras vêm a ser mediante a *rememoração* das primeiras, mas porque *as representações obscuras são o embrião das claras*: “há muitas representações de que não mais nos tornaríamos conscientes na nossa vida, se não surgisse uma ocasião que nos relembresse aquilo que antes esteve já em embrião em nós” (cf. AA 25.2: 868). A saber, diz Kant, é possível que se pense que o acto de recordar liga representações obscuras e claras enquanto, respectivamente, embrião e forma final de uma mesma representação; e isto, por certo, se como até aqui se pensar que as representações obscuras, embora mais ou menos originárias em relação ao conhecimento geral, são memórias à espera de reactivação – e portanto, será de deduzir daqui que as representações obscuras são um construto de antigas, ora mais, ora menos vetustas representações, o qual, formado a partir de partes e todos esquecidos, mas já tidos na consciência – isto é, já conhecidos –, age enquanto tal, embora veladamente, sobre as nossas opiniões e acções. *E que isto é certo, e que as representações obscuras são também por isso embrião das claras, isso di-lo o próprio Kant*. Contudo, as representações obscuras não são apenas isto; e, segundo nos parece, a expressão “embrião”, na palavra de Kant, tão-pouco significa aqui apenas o que precedeu. Pois as representações obscuras são *embrião* das claras não apenas porque as claras possam ser referidas retroactivamente às obscuras, como seu germen – o que é possível, mediante a memória –, mas sobretudo, diz Kant, porque as representações obscuras antes “contêm a mola secreta daquilo que ocorre na luz” (AA 25.1: 479), e por isso “são o fundamento para as representações claras, e para todas as descobertas e invenções” (AA 25.2: 1221). A saber, pois, tomadas como embrião, as representações obscuras estão aqui não como causa passiva de algo à espera de reactivação da memória, *mas também como causa activa, como fundamento activo de algo outro que não o passado*. E portanto, para além da sua anterior valência, segundo a qual elas são o fundamento daquilo que, embora esquecido, “esteve já no ânimo” (AA

25.1: 480), as representações obscuras da alma, poder-se-ia dizer, são também o embrião do que é fruto de invenção e de criação, isto é, do que não é antigo, mas *novo* e, por conseguinte, dir-se-ia, de coisas, experiências, ocorrências que *nunca antes estiveram no ânimo* – de tal modo que, assim vistas, *as representações obscuras teriam também uma tendência para criar a partir do nada, e portanto, uma inegável valência de presente vivo e de activa propensão para o futuro.*

Assim, dir-se-ia que as representações obscuras são um *futuro antecipado, prefigurações* de representações claras: elas não só preparam futuramente, como deveras antecipam a existência das claras, *e são as claras antes mesmo de estas virem a sê-lo, são a consciência humana, antes mesmo de esta vir a sê-lo, e são o conhecimento humano antes mesmo de este vir a sê-lo!* As representações obscuras são representações primevas no homem; elas nunca estiveram, nem poderiam ter estado previamente, enquanto tal, no ânimo humano e, portanto, não carecem elas próprias de impressões, de objectos externos, de experiência prévia, pois nada parece ser-lhes anterior.<sup>10</sup> Bem pelo contrário, e justamente por estas razões, assevera Kant que nada do que existe na luz pode existir, ou pode ser explicado, sem o concurso das representações obscuras e, por isso, aduz-se, antes se pode dizer que *tudo o que existe na luz, todo o conhecimento do homem, está há muito preparado* (cf. AA 25.1: 479): *e que isso se aplica, sem excepção, ao conhecimento em geral!* Pois, segundo o filósofo, o homem traz consigo, embora o não saiba, *um tesouro*; e se apenas uma pequena parte deste tesouro do conhecimento foi até agora desvelado, é por manifesto desinteresse ou negligência do tópico das representações obscuras e de um tão rico substrato do saber humano (cf. AA 25.2: 871); *pois todo o conhecimento que o homem, qualquer homem, algum dia virá a obter, todo o conhecimento ao alcance dos seres humanos, esse máximo do conhecimento trá-lo já em si o homem;*<sup>11</sup> *o difícil, mas necessário, o raro, mas indispensável – porque é a destinação do homem –, é trazer esse conhecimento obscuro à claridade.*

Ora, as duas anteriores propensões das representações obscuras: *a sua propensão para o passado, e a sua propensão para o futuro; a sua origem na memória, ou a sua origem como*

<sup>10</sup> Cf. Para uma mais detalhada problematização deste ponto de vista, cf. o fim da Secção II deste artigo, e a sua respectiva resolução na Secção III.

<sup>11</sup> “Há muitas representações de que não mais nos tornaríamos conscientes na nossa vida, se não surgisse uma ocasião que nos relembresse daquilo que antes esteve já em embrião em nós. Nenhum microscópio me pode mostrar mais de um objecto, do que aquilo que o meu olho nú viu. O pequeno verme, vemo-lo muitas vezes como um mero grão de pó, mediante um microscópio vejo também cabeça, pés, olhais, etc. Tudo isto já antes estava lá, só que numa representação obscura; pois, se eu não tivesse visto cabeça, pés, e outros que tais, não teria visto rigorosamente nada; os mesmos raios de luz que atravessaram o vidro, esses atravessaram previamente o meu olho, com a excepção de que no vidro foram ampliados, embora estivessem também no olho. O mesmo se aplica também ao telescópio; aí nada de novo é descoberto, antes as representações obscuras são trazidas à claridade. Tudo o que o microscópio e o telescópio ainda descobrem, está já contido na representação obscura do homem (...). Por conseguinte, não é um incremento de conhecimentos, aquilo de que se toma consciência, mas sim apenas uma distinção dos mesmos” (AA 25.2: 868-869).



*presciência, a sua reconstituição de um objecto pretérito, e prefiguração de um objecto por vir*: estas duas tendências são reais, e tomadas em si, isto é, cada uma por si só, elas em nada conflituam na visão que do tópico tinha Kant. Aliás, assim visto o problema, elas dão azo a duas concepções perfeitamente sustentáveis e conciliáveis do tópico, até mesmo no seio da teoria da consciência. A saber, uma *primeira* concepção de representações obscuras, segundo a qual as representações obscuras, ou *representações sensíveis*, estão *na origem* da memória – que para Kant é, após a sensibilidade, a *primeira* das faculdades inferiores do ânimo. Segundo esta concepção, as representações obscuras estão na origem das diferentes espécies de memória (mecânica, judiciosa ou engenhosa),<sup>12</sup> dos seus diferentes modos de associação à faculdade de imaginação produtiva ou reprodutiva e às faculdades superiores do ânimo, e das diferentes disposições de ânimo assim geradas. Isto é, as representações obscuras engendram ora mais, ora menos visivelmente todas as faculdades da alma envolvidas no processo imaginativo, que, no fundo, é o processo de transição entre obscuridade e claridade representativa, do ser humano. (Por este prisma, as representações obscuras teriam um sentido *passado-presente-futuro*, e seguiriam o normal curso da humana faculdade de imaginação humana). E outra concepção de representações obscuras, a *segunda*, afirma que as representações obscuras antes se projectam futuramente, não deixando porém de estar na origem do conhecimento que representam. A saber, *como se as representações obscuras tivessem como destinação vir a ser tornadas claras, e nisso tivesse de residir a causa para a sua tão fértil obscuridade* – e portanto, de tal modo que algo como uma predisposição teria de existir na razão, mas também no entendimento, na faculdade de imaginação, na memória humanas, agora em sentido inverso (pois pensado *do futuro para o presente, e daí para o passado*), para que as anteriores faculdades *assim* tivessem de agir, e as representações obscuras *assim* tivessem de vir a ser claras.

Ora – reiteramos –, quer as vejamos por um prisma, quer pelo outro, isto é, quer as vejamos na sua *tendência reimaginativa* (*nachbildend*), ou na sua *tendência pre-imaginativa* (*vorbildend*), *as representações obscuras, porque estão aparentemente ora no fim, ora no início do processo imaginativo humano*, parecem poder albergar ambas estas espécies de imaginação. Pois, ainda que elas estejam na origem da consciência ora mediante memória, ora mediante presciência, *um procedimento parece ser o outro, apenas inversamente tomado*. Isto é, quer se suba da mais sensível para a mais intelectual das faculdades do ânimo, quer se desça da mais intelectual para a mais sensível, o procedimento das representações obscuras aparenta ser o mesmo. O ponto de ordem é que esse procedimento dá origem às representações da alma. E aqui, convenhamos, não parece estar, e não está de facto, para Kant, o problema.

<sup>12</sup> Respectivamente, “Mechanisches Memoriren”, “Iudiciöse Memoriren” e “Ingeniöse Memoriren” (cf. AA 25.1: 756; AA 25.2: 1463; AA 15.2: 148; AA 7: 182-184).

O problema existe, isso sim, quando tomamos ambas as anteriores perspectivas em conjunto: não quando vemos nelas um e o mesmo processo, mas quando pensamos o estatuto do objecto representado pelas representações obscuras no seio desta possível dupla visão simultânea do tópico. Pois atrás se disse, com Kant, que as representações obscuras ora tratam com o objecto passado, ora com o objecto futuro; isto é, que as representações obscuras são desveladas quando nos recordamos de objectos esquecidos ou negligenciados, e que as representações obscuras desvelam, elas próprias, novos objectos, pois, qual destino, elas os têm em si contidos, apenas esperando o estímulo certo para os dar a conhecer ao mundo. Nisto há por certo congruência; porém, há também incongruência, pois aqui parece sugerir Kant que, a um tempo, as representações obscuras carecem de um objecto, que elas próprias incorporam, a fim de vir a ser, e, porém, não carecem de todo de tal objecto, antes o prefiguram elas mesmas. A saber, o problema está aqui em que, por um lado, para existir através da memória, e depois através das restantes faculdades do ânimo, e dar ser a uma representação clara, às representações obscuras tem de estar como fundamento primeiro uma qualquer impressão sensível – um objecto.<sup>13</sup> Pois, se assim não fosse, então “Quando recordamos uma coisa” de modo algum poderíamos “extra[ir] a representação obscura na coisa, e torn[á]-la clara” (AA 25.2: 1221) – pois não haveria de todo uma coisa de onde extrair a representação obscura! Mas, por outro, parece dizer Kant, se há algo que distingue as representações obscuras, é a sua função projectiva, a qual justamente não admite que nada esteja como seu fundamento – isto é, que antes afirma que as representações obscuras estão elas próprias na origem do novo objecto, e não só daquele que nunca foi anteriormente pensado, como de todos aqueles que um dia hão-de ser pensados (pois se há algo que Kant deseja firmar quando diz que todo o conhecimento possível ao alcance do homem, por todos os homens e em todos os tempos, está já em representações obscuras, é exactamente isto). E portanto, o que daqui parece decorrer, pois, é um verdadeiro nó górdio entre as concepções preterizante e projectiva das representações obscuras, segundo o qual Kant parece sugerir não só o que precedeu, mas sobretudo que as representações obscuras possam estar, e porém não estar num plano originário da consciência humana. Isto é, que as representações obscuras sejam rigorosamente sensíveis, e porém também intelectuais, que o curso imaginante humano seja tanto reimaginante como preimaginante, e por fim que as representações obscuras possam ao mesmo tempo estar, e não estar, na consumação intelectualizada de si próprias, enquanto memória e/ou futurização de si mesmas – sendo que em qualquer uma destas sub-dimensões do problema, cada uma destas parece invalidar a outra, e vice-versa.

<sup>13</sup> “Com efeito, em cada imaginação (*Einbildung*), copiamos os materiais para novas imagens, pois nenhuma imagem é totalmente original, apenas a composição acontece a contento” (AA 25.1: 304).

Parece pois, concluímos, que há mais do que o inicialmente sugerido no já de si “secreto procedimento da alma dos homens” (AA 25.1: 482). E tendo isto como verdadeiro, perguntamos então: são as representações sensíveis anteriores a todo o conhecimento, e agem elas antes mesmo, ou independentemente da consciência? Ou pressupõem elas, e fazem elas parte da consciência, e são já parte do conhecimento humano? Isto é, originam as representações obscuras de tal modo a consciência humana, que projectam as representações futuras da mesma, e enformam a própria consciência – existindo então *antes de si mesmas* –, ou origina-as a elas a consciência humana, de tal modo que a elas, enquanto representações primevas, sempre recorre a consciência na sua enformação – existindo elas *apenas depois de si mesmas*? Ou, pergunta-se ainda, dar-se-á o caso de Kant contemplar, em todas estas questões, ambos os casos como verdadeiros? Da resposta a estas questões, cremos, dependerá por fim a aferição de um duplo curso da imaginação humana, e do duplo papel das representações obscuras neste; a determinação da singular posição e estatuto das representações obscuras, e de sujeito e objecto, no processo de imaginação humana; e, por fim, a aquiescência do que Kant entende afinal por “um secreto procedimento da alma dos homens” (id.).

### 3. As representações obscuras entre as faculdades de imaginação humana. O carácter (re-)inventivo das representações obscuras, e sua resolução do anterior dilema

Como é já patente, as anteriores questões, toda a questão das representações obscuras, remetem-nos para o complexo problema da *geração de ideias* – ou, se quisermos, o problema do processo de *imaginação (Einbildung) do espírito humano* e a sua relevância para a mútua formação da consciência e do conhecimento.<sup>14</sup> Assim se apresentara o problema para os precursores de Kant, e assim se apresentaria o problema também, e muito especialmente, para o filósofo de Königsberg. De outro modo, Kant não veria nas representações obscuras ao mesmo tempo *um fundo passivo da alma, origem de todas as representações da alma humana, mas também uma índole antecipadora, enformadora, marcadamente activa e directamente influente sobre todas as representações claras* – traços que, no fundo, são aqueles com que também Kant se debateria, e que delinham o problema deste artigo.

<sup>14</sup> Não por acaso, nos momentos da sua obra antropológica em que Kant se debruça sobre o tópico das representações obscuras, fá-lo sempre em íntima proximidade com tópicos da imaginação humana (*menschliche Einbildung*). A saber, na *Antropologia em Enfoque Pragmático*, Kant insere este tópico no Livro Primeiro, intitulado “Da faculdade de conhecer” (“Vom Erkenntnisvermögen”); e mesmo aí, junto aos tópicos da sensibilidade e das inferiores faculdades do ânimo. Nas *Lições de Antropologia*, o tópico surge sem excepção confinando com as mesmas temáticas.

Uma tal ligação das representações obscuras com o processo de imaginação consciente<sup>15</sup> do ser humano—, quer vista por um prisma, quer vista pelo outro, é aliás evidente. As representações obscuras, porque confinam directamente com a sensibilidade, e são aliás representações sensíveis, como que fundam o processo da imaginação humana, e isso quer sejam vistas como reminiscências de impressões esquecidas, quer elas próprias substituam essas impressões e se projectem sobre as representações claras que hão-de vir a ser. *As representações obscuras, dir-se-ia pois em qualquer um dos casos, são ponte viva entre sensibilidade e intelectualidade*, e por isso elas têm influência ora directa, ora indirecta, sobre as faculdades inferiores, a memória, a fantasia, a faculdade de imaginação, ou o engenho, e sobre as superiores faculdades do ânimo: a faculdade de julgar, o entendimento, a razão – tanto quanto, por sua vez, também estas farão das representações obscuras diferentes usos. A saber, dependendo do modo como as representações obscuras vêm à claridade, isso com certeza favorecerá, ou negligenciará os diferentes modos da memória, e por certo dará diferente rumo a todos estes; dependendo disto mesmo, a faculdade de imaginação, enquanto tronco de todo o processo da representação humana, fará diferente uso das representações obscuras – daí dependendo também a ocorrência ou não-ocorrência de engenho, génio ou gosto; e, dependendo de tudo isto, e das diferentes disposições de ânimo assim geradas, o entendimento ulteriormente decidirá sobre a validade, ou não-validade, de tais representações, e da sua utilidade para o espírito humano. E, não obstante isto ser feito retroactivamente ou projectivamente, o mais importante de tal visão das representações obscuras é que o seu posicionamento estratégico, e os seus diferentes desenvolvimentos nos permitem *uma visão privilegiada do momento de clarificação das representações obscuras na alma humana*. E é isto que, por fim, nos permitirá entender não só a aparente contraditoriedade da concepção kantiana das representações obscuras, mas também a revolução que Kant, mediante uma nova visão de todas estas faculdades e das suas interacções, procura empreender.

Assim, e desde já omitindo a maioria das anteriores consequências e repercussões das representações obscuras sobre as diferentes faculdades do ânimo, passamos ao cerne do problema – que está no centro do processo humano de imaginação, a saber, *na fase de clarificação das representações obscuras*. As representações obscuras, é bom de ver, não são faculdades, ou capacidades do ser humano. Elas são, isso sim, objectos destas faculdades, capazes de mover e ser movidas pelas mesmas –pois isso é o que elas são antes de mais: *imagens da alma humana*. Justamente por isso, elas escapam, e confundem até as expressas compartimentações kantianas de faculdades de reimaginação, faculdade de

<sup>15</sup> Dizemos *consciente* para o distinguir do *inconsciente*. No primeiro, segundo Kant, recai o uso vigilante das inferiores faculdades do ânimo, a representatividade humana em vigília e as suas mais diferentes produções. No segundo insere-se o uso involuntário, inconsciente das mesmas faculdades e suas representações; como exemplo disto, está o sonho.

imaginação e faculdades de preimaginação. Pois, segundo parece, elas são objectos de todas estas: *objectos da imaginação humana*, representações entre todas as representações humanas, e portanto, para elas, vê Kant destinos em consonância com estas: ou elas são objectos de uma imaginação que recupera impressões tidas, e as *reproduz*, caso em que as representações obscuras viriam à claridade pela memória e a fantasia; ou são objectos de uma imaginação que projecta impressões não-tidas, e as *produz*, caso em que as representações obscuras viriam à claridade pela presciência. Sim, pois, diria Kant, *a faculdade de imaginação assim o determina* – e a faculdade de imaginação não tomada enquanto mera “*Einbildung*”, mas enquanto “*Imagination*”, a qual é tanto quanto possível, mas não totalmente, separada do objecto, e que se divide, a si e às suas representações, justamente em *imaginação reprodutiva e imaginação produtiva*.<sup>16</sup> Pois embora no seu domínio exclusivamente obscuro, pré-consciente – pré-verbal –, as representações parecem não ter de se submeter enquanto tal às leis da imaginação (função prospectiva, Secção II), porém, uma vez no domínio intelectual da sua imaginação, elas têm também de se conformar e submeter às leis gerais da imaginação (função retrospectiva, Secção II). E portanto, se têm – e que o têm, di-lo o próprio Kant (cf. AA 25.1: 304) –, então, *justamente, as representações obscuras têm de vir à claridade ou por reprodução de impressões do passado (reimaginação), ou por produção de impressões futuras*, fundadas sobre tais impressões passadas (preimaginação)– isto é, sob a regência da faculdade de imaginação reprodutiva, ou da faculdade de imaginação produtiva. E nisto, as representações obscuras parecem em nada diferir, no seu processo de formação, ou de clarificação, de quaisquer outras, e parecem ser por Kant vistas, uma vez sonogada a sua obscuridade, como meras representações entre outras representações.

Ora, não é difícil aventar que, assim vistas, as representações obscuras *nada têm de diferente das restantes*, e que o processo da sua clarificação em nada difere destas. Aliás, porque as faculdades de reimaginação são também indirectamente a faculdade de imaginação reprodutiva, então, para usar palavras de Kant, bastará que as representações obscuras venham a ser rememoradas, mediante a memória e a fantasia, para virem a ser claras, ou que venham a construir sobre antigas representações, para o mesmo efeito. Isto é, bastará que, por acção da memória, que aqui se quer leal e rigorosa, a fantasia não extravase, e seja controlada, e que, ao serem determinados estes diferentes graus de fantasia na memória, esta venha a subdividir-se em memória mecânica, memória judiciosa e memória engenhosa, deste modo podendo dar a faculdade de imaginação diferentes destinos às representações obscuras: ora recuperando-as do esquecimento em que jaziam sob a forma de representações mecânicas (em total ligação com o objecto), ou representações judiciosas (em moderada ligação com o objecto), ou representações

<sup>16</sup> “Imaginação (*Einbildung*), independente de toda a intuição sensível, designa-se por imaginação (*Imagination*)” (AA 25.1: 78).

engenhosas (em ténue ligação com o objecto). Isto, aliás, o aventa o próprio Kant quando diz que “Quando recordamos uma coisa, extraímos a representação obscura na coisa, e tornamo-la clara” (AA 25.2: 1221): isto é, que quando recordamos uma coisa, imaginamo-la reprodutivamente, e dela extraímos o que nessa representação é obscuro. E assim é, de facto – e *isso mostra-nos definitivamente que o objecto, a coisa, tem de, de certo modo, preceder a representação obscura, e que esta é (também) posterior à consciência que de um objecto temos.*

Contudo, e apesar disto – e aqui ressurgue finalmente o nosso problema – *algo há que distingue as representações obscuras das claras* – ainda que estas estejam na origem daquelas, e aquelas venham a ser estas. Pois, diz Kant, não é sempre, nem ao gosto do indivíduo, que as representações obscuras vêm à claridade e se projectam futuramente. Aliás, “a faculdade de representação destas representações é tão restrita, que elas só vêm [à luz do] dia isoladamente, e em certas ocasiões.” (AA 25.2: 1221) Pois, diz o filósofo logo após, ao homem que está perante as representações obscuras, “acontece-lhe o mesmo, como se estivesse perante uma floresta e não conseguisse ver as árvores” (id.); e portanto, dir-se-ia, *nem só por uma qualquer rememoração, ou por uma qualquer reprodução imaginativa, as representações obscuras revelam o seu conteúdo, e vêm a agir activamente – projectivamente – sobre as claras*; isto é, nem todas as rememorações são clarificações de representações obscuras, assim como, claro está, nem todas as representações obscuras são memórias. E por conseguinte, do mesmo modo, parece que algo há na evolução entre embrião e forma final que, para além de ser introspectivo, é também prospectivo, para além de ser anterior, é também posterior, e nisso, afinal, apenas próprio do ser embrionário que é o das representações obscuras.

Assim, dir-se-ia por outras palavras – e repensando o âmago do nó górdio que suscita este artigo –, *recordar é clarificar*; mas, aduziria aqui o filósofo, *nem todo o recordar é clarificar de representações obscuras*; pois a certos modos de memória falta a elasticidade, a amplitude para cobrir mais do que o espaço entre presente e passado – isto é, a evolução entre embrião e forma incompleta do objecto da representação. A saber, aduziria aqui Kant, em favor da recolocação da questão, também nem todas as espécies de memória são iguais, e caem nesta incapacidade perante as representações obscuras. Pois a memória mecânica, e certas aplicações da memória judiciosa, não podem de facto ousar propiciar uma tal “ocasião” tão rara e singular como o desvelamento de uma representação obscura; até porque, como já nos foi dado entender, algo há na própria representação obscura que a isso obsta. Mas outras aplicações da inferior faculdade de conhecer, tais como a *memória engenhosa*: essas, na sua ligação essencial com a anterior concepção de “Imagination”, parecem poder cumprir tal tarefa, e isso não tanto devido à sua diferença em relação às anteriores, mas *por transporem elas, com e mediante as representações obscuras, a charneira da faculdade de imaginação reprodutiva para a faculdade de imaginação produtiva.*

A razão de ser de tal posição kantiana é simples. Quando falamos de imaginação reprodutiva, falamos de uma reprodução imaginativa de um objecto tido, e não de nenhuma nova produção; o que *em parte* se aplica às representações obscuras, na medida em que a elas, na sua imaginação, se tem de aplicar também aquela lei suprema: a saber, que todas as representações humanas têm de partir do objecto, e não podem surgir do nada. Pois, a saber, por muito genésicas, por muito embrionárias, por muito sensíveis que as representações obscuras possam ser, também elas, uma vez expostas à acção das inferiores faculdades do ânimo, são *representações*, e portanto, a partir daí, também elas têm de ter em si algum grau de reprodução de algo, de um objecto, ou grupo, ou construção de objectos, ou de todo o horizonte objectual enquanto tal; e se assim não fosse, as representações obscuras seriam *mera* magia, ou então *mero* dom legado por mão superior. Ora, acontece porém que, justamente devido a essa originalidade, a esse carácter embrionário, as representações obscuras não trazem apenas em si essa matriz desconhecida de uma relação misteriosa com o objecto, *antes têm também em si o condão de (re-)projectar essa mesma matriz secreta sobre futuros objectos de que elas próprias serão origem* – e essa nova produtividade, essa capacidade de (re-)inventar é que as distingue das representações claras, nas quais nada é obscuro, e que antes são criadas, não criam outras representações. Assim, enquanto embrião, as representações obscuras, sendo elas próprias criação a partir de algo, objecto da faculdade de imaginar reprodutiva, e portanto estando aí como construção (inconsciente) da consciência humana, são porém também, elas próprias, *causa futura (igualmente inconsciente) de objectos, representações novas*, e não apenas de todas as representações actuais, mas, reiteramos com Kant, de todas as representações ao alcance do género humano. Isto significa que, nesta acção da memória engenhosa, pre-acção da imaginação produtiva, as representações obscuras prenunciam de facto o ainda incriado, elas antecipam-se ao e produzem o objecto. E ainda que, dir-se-ia, as representações obscuras pareçam assim romper com a suprema regra kantiana do representar humano, isso é mera ilusão. Pois se há algo que a memória engenhosa faz às representações obscuras, *é trazê-las à vida, e isso sob uma nova roupagem, e novas cores, as do engenho*; pois isto lho ordena a imaginação produtiva, a qual logra que, mediante este mesmo gesto da memória engenhosa, *uma representação obscura não seja criada do nada, mas aparente criar ela própria do nada* (e não rompa com a lei do representar): a saber, que não podendo ela ser mágica, ou divina, criando do nada, não obstante, como que de facto *por magia, ou por dom superior*, ela dê azo a uma representação *em si* nova, *enquanto tal, nessa mesma forma impensada pelo espírito humano*, e que a alma humana não conhecia anteriormente *nesse molde*.<sup>17</sup> Assim se garante que, à ligação das represen-

<sup>17</sup> Pois, apesar de nada poder ser representado que não tenha estado já previamente no ânimo, representações há que, não desrespeitando esta regra, podem ser novas criações enquanto tal, para o entendimento: "Mas nós podemos também imaginar algo quando a coisa nunca antes foi colocada em fenómeno" (AA 25.1: 305).

tações obscuras com o passado, e a uma forma antiga, que é real, se lhe junte ainda sem conflito uma ligação ao futuro; uma dupla, simultânea referência que aliás a própria faculdade de imaginação promove, e que parece dissolver as anteriores designações temporais em detrimento de um presente vivo. Isto, não rompendo de facto com a lei da representatividade humana, abre para ela uma muito necessária, dir-se-ia, vital, nova e “secreta” variação: a de infinitamente recriar o criado – nisso criando deveras –, e de infinitamente se renovar e se reformar a si própria e ao Eu, abrindo para infinitas novas possibilidades de expansão do conhecimento humano.

Assim, e para responder às questões atrás colocadas, no fim da Secção II: estes *passado e futuro das representações obscuras, vectores essenciais da compreensão das mesmas, não só podemos, como devemos pois afirmá-los, e usá-los, como Kant, enquanto eixos teóricos necessários, não-contraditórios, antes necessariamente coexistentes e harmoniosos das representações obscuras*, da acção da memória (engenhosa), da faculdade de imaginação (produtiva), ou do próprio engenho, e portanto, em última análise, da imaginação humana em geral. A saber, *as representações obscuras então tanto antes, como depois da consciência humana das coisas, antes e depois de si mesmas*: elas são tanto fundadoras como formadoras desta última, e a questão está não tanto em optar por uma destas dimensões das representações obscuras, mas por considerar ambas, em simultâneo, como próprias das representações obscuras. Tal é, numa palavra, a solução proposta por Kant para o dilema que ele próprio entreviu no tópico das representações obscuras. Cumpre-nos, por fim, ver qual é para o filósofo o *móbil preferencial* deste duplo carácter do tópico.

#### 4. A natureza poiética das representações obscuras

Posto o que precedeu, impõe-se por fim a seguinte questão: que significam agora, em conjunto, passado e futuro das representações obscuras? A resposta a isto, sugere Kant, é eternamente incompleta. Pois conhecê-los enquanto tal, isso é impossível: pois de onde provêm as representações obscuras, não é possível, nem aconselhável perguntar, uma vez que a sua formação é de tal modo insondável, que nada nos diria de real sobre as próprias representações ou a formação das mesmas; e para onde tendem ulteriormente as representações, obscuras ou claras, é algo impossível de adivinhar. Mas, parece sugerir o filósofo, embora não possamos conhecer nem o passado nem o futuro das representações obscuras, nem mesmo as acções propriamente ditas das diferentes faculdades nisto envolvidas, podemos e devemos pensar tudo isto à luz do que nos é dado pelo menos pressentir. A saber, devemos pensar isto à luz do elemento natural das representações obscuras: o *singular presente*, o *acto de porvir* das mesmas, que agora se nos afigura centrado na dimensão produtiva da faculdade de imaginação, e que no fundo coloca em aparente oposição, mas de facto em real harmonia, ambos os planos. Pois nele, no presente, têm de *vir à claridade (o passado e o futuro d’)* as re-



*representações sensíveis*; o que, segundo parece, ocorre mediante uma *certa, muito específica produção da faculdade de imaginação*, a qual emerge como criação do novo (da sua futuridade) e, ao mesmo tempo, ocorre também mediante criação do antigo (da sua antiguidade).

Assim, o facto de estes planos de passado e futuro serem afinal inter-dependentes na face produtiva – na *magia controlada* – da faculdade de imaginação, é algo deveras importante, e muito diz já sobre o presente das representações obscuras. Mas, ao mesmo tempo, que nos seja permitida sobre isto uma última reflexão.

Assim, ao nos posicionarmos num tal presente vivo das representações obscuras, olhemos à volta, e pensemos que o que é verdadeiro para as representações obscuras, o é também para todas as representações. A saber, pensemos que as representações em geral nascem do sensível – que é falho de lei –, que nesse inconsciente elas se deixam fermentar num cadinho inescrutável de outras infinitas representações, que uma mera “ocasião” (AA 25.2: 868), muito rara e singular, e aparentemente contingente da faculdade de imaginação produtiva, as faz vir a ser – e que porém, quase paradoxalmente, isso vem a expressar-se futuramente como o destino da mais-criação humana (pois traçado está que o homem venha a completar o seu conhecimento, e a aperfeiçoar as disposições que lhe são dadas para esse conhecimento). Numa palavra, *pensemos na aparente aleatoriedade e obscuridade que rodeia a fase inconsciente das representações obscuras, e a própria inconsciência humana, e porém, depreendamos destas a aparente infalibilidade da vinda à claridade das representações obscuras, e da vinda a ser de todo o conhecimento*, de toda a consciência humana. Se assim pensarmos, então, por certo, *duas ilações* se deixam extrair de tal pensamento.

*Primeiro*, que há no progresso vivo da representatividade, da linguagem, do conhecimento humanos em geral, desde a origem ao seu raro e árduo vir a ser, e até à consumação destes, algo similar a uma perpétua (re-)criação reapropriativa entre antigo e novo (como aquela operada pela faculdade de imaginação produtiva), e portanto um *fazer*, ou antes, um *(re-)fazer* aparentemente fortuito, mas deveras necessário de uma destinação da representatividade humana. A saber, há aí, nesse mesmo progresso vivo, uma incontornável reconfiguração e readequação do Eu imaginante a um destino que é antes de o ser, e nunca o é mesmo depois de o ser: um destino em cuja formação, dir-se-ia, o obscuro, o inconsciente, o irracional, têm tão grande importância e influência como os seus antípodas.

*Segundo*, que este progresso tem de influir, e dar forma à própria relação produtiva entre aquilo que disto surge como resultado: *a consciência humana*. A saber, o presente, ou passado-futuro, ou futuro-passado, do vir a ser das representações obscuras tem de mostrar que, tal como entre recriação e criação de representações parece haver uma singular, e muito híbrida dialéctica, *também entre inconsciente e consciente da imaginação humana tem de haver uma outra ligação, uma outra ordem, similar àquela na sua necessidade: uma relação em que o inconsciente não é tão infértil e confuso que nele não*

possa haver já um propósito condutor, e em que se o consciente é tão regrado como um destino, o é devido ao que se preparou já secretamente, mas beneficentemente, no inconsciente. Assim se cria, pois, uma nova ordem regida por esta (re-)criação pretérito-futura das representações, que é aquela em que as diferentes faculdades do ânimo concentram as suas respectivas capacidades em torno do par faculdade de imaginação reprodutiva/ produtiva; e em que, por conseguinte, as representações são símbolo de uma certa “ocasião” em que, *ora por retroacção*, por reprodução, as representações obscuras são passado de um futuro anunciado da representatividade, do conhecer, da consciência humana, e por isso já sempre presente vivo da mesma, *ora por pro-acção*, por produção, as representações obscuras são futuro de um passado projectado do conhecer e da consciência humana, e por isso, também aqui, presente vivo da mesma. Mas, sobretudo, esta nova ordem é de tal índole que, até pelas suas características infinitas, é como que um mero, embora infinitamente repetido e necessário, *episódio* no seio de um outro, mais abrangente propósito, um mais significativo representar de toda a consciência humana; um episódio e um propósito que são eles próprios apenas parte de um outro, ainda maior enquadramento, em que Kant veria esta nossa questão.

Ora, uma tal ordem e um tal propósito não são fortuitos: eles não nascem do nada, como uma arte mágica sobre-humana, nem podem ser forjados por arte humana. A nova ordem, que é uma *nova ordem temporal, representacional, vivencial*, não pode ser propiciada sem mais, nem porém, como vimos, pode esta ser propiciada por uma disposição tradicionalmente aceite das faculdades inferiores do ânimo; e por conseguinte, muito menos um tal propósito brota de quaisquer representações, ou composições de representações, ou concatenação de diferentes representações. Bem pelo contrário, dissemo-lo já, esta disposição alternativa da alma humana requer uma certa, muito difícil “ocasião” (AA 25.2: 868): uma “ocasião” em que se trata não com representações temporal ou vivencialmente lineares – com representações claras, mecânicas –, mas uma em que se trata com representações orgânicas, nas quais, qual embrião, se deduz a forma final pelo gérmen, e o gérmen pela forma final; representações nas quais, dir-se-ia pois, *o futuro parece estar como um destino, e o passado como uma profecia*. Ora, esta “ocasião”, até pela singularidade do objecto em causa, não pressupõe uma normal disposição das faculdades antes *uma nova, mais viva e fértil – embora também mais rara – disposição do ânimo*. A saber, esta pressupõe uma disposição em que a memória engenhosa vagueia o vasto mapa das representações da alma humana, desenterrando sob “entulho e pó” (id.: 311), *não por acaso*, mas com critério, representações ditas inauditas e por isso impregnadas de novo sentido (cf. AA 25.1: 312, 314); uma disposição em que estas representações sejam reconfiguradas como *representações enquanto tal novas para o espírito* pelo engenho, ou o génio, mediante a faculdade de imaginação; e uma disposição em que, por fim, estas representações sejam apresentadas ao entendimento, o qual, por fim, embora relutantemente, pois é de um conhecimento *novo* (obscuro-claro), mas também de um “analogon da

verdade” (id.: 323) que se trata, é porém forçado a baixar a sua guarda, aceitar tais novas representações das coisas, e, enfim, inscrevê-las no vasto tesouro do conhecimento humano.

Um tão especial tratamento das representações obscuras; uma tão singular disposição das faculdades do ânimo; numa palavra, uma tão rara “ocasião” não estão pois ao alcance da filosofia. Bem pelo contrário, eles são antes pressuposto, e também pré-condição de um mais orgânico, mais atemporal, mais vivo dizer: *a poesia*. A poesia que, diria Kant, é justamente um tal “jogo da sensibilidade ordenado pelo entendimento” (AA 7: 246); a poesia que, diria também Kant, trabalha justamente sob uma muito especial disposição das faculdades, culminando esta com produções da faculdade de imaginação produtiva, como as do engenho e do génio, que são já em si eminentemente *poiéticos*; a poesia que, justamente assim, por meio destes, (re-)inventa, (re-)produz, reconfigura o campo dos conhecimentos e das representações humanas, nunca o deixando fenecer, antes sempre o renovando e revigorando; a poesia que, para este mesmo efeito, opera com representações desconhecidas, até então, dir-se-ia, obscuras, que são trazidas ao entendimento em cores outras que não as suas quotidianas, de modo a não ludibriar o entendimento, mas dar-lhe a conhecer tais novas cores, tonalidades, sonoridades e vivências da linguagem e da vida humanas (AA 15.2: 908). Por fim, a poesia que, para além de um tal jogo das faculdades, faz uso de um *jogo das produções das mesmas*; a saber, um jogo que se joga aparentemente apenas entre passado e futuro, mediante a faculdade de imaginação produtiva, e para o qual o ser das representações obscuras muito parece já prestar-se, mas que, em boa verdade, é um jogo entre antigo e novo,<sup>18</sup> antevisto e previsto, destinação e previsão: no fundo, o mesmo jogo, o mesmo singular fenómeno que atrás vimos ser o das representações obscuras, que são elas próprias poéticas,<sup>19</sup> e que portanto são elas mesmas, na sua sensibilidade, e na sua poeticidade naturais, início e fim do jogo poético assim instituído.

## Bibliografia

- A. G. BAUMGARTEN, *Metaphysica*. Halae Magdeburgicae: C. H. Hemmerde, 1739. (=Met)  
A. G. BAUMGARTEN, *Meditationes philosophicae de Nunullis ad poema pertinentibus. Philosophische Betrachtungen über einige Bedingungen des Gedichts*. Hamburg: Übers. und mit einer Einleitung hg. von Heinz Paetzold, 1983. (=Med)

<sup>18</sup> Pois, para Kant, a poesia não é apenas recuperação do mais arcaico, e por isso obscuro, e por isso sensível dizer humano, antes é, justamente por isso, manifestação de presciência humana – como é o caso nas representações obscuras.

<sup>19</sup> Cf. BAUMGARTEN, “Meditationes philosophicae de Nunullis ad poema pertinentibus” (1735): “Representações [sensíveis] são partes constituintes de um poema (...), por conseguinte poéticas (...)” (Med: 13). “Representações distintas, representações completas, adequadas, em todos os graus profundas, não são [sensíveis], e por conseguinte tão-pouco são poéticas (...)” (id.: 15).

I. KANT, *Gesammelte Schriften*. Hrsg. Von der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin (Akademie-Ausgabe), Berlin: Georg Reimer, 1901ff. (=AA)

Fernando SILVA  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa  
fmfsilva@yahoo.com

Article rebut: 30 de novembre de 2017. Article acceptat: 14 de gener de 2019